

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC(FN) LUÍS RENATO JORAS DE OLIVEIRA

O EMPREGO DO BINÔMIO COMUNICAÇÃO SOCIAL - OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

NA 1ª GUERRA DO GOLFO:

lições aprendidas para utilização pela Marinha do Brasil nas Operações Anfíbias

Rio de Janeiro

2010

CC(FN) LUÍS RENATO JORAS DE OLIVEIRA

O EMPREGO DO BINÔMIO COMUNICAÇÃO SOCIAL - OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

NA 1ª GUERRA DO GOLFO:

lições aprendidas para utilização pela Marinha do Brasil nas Operações Anfíbias

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF(FN) R.C.B. WADOVSKI

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2010

RESUMO

O estudo das lições aprendidas no emprego do binômio formado por Comunicação Social e Operações Psicológicas nas ações militares que sucederam a invasão do Kuwait pelo Iraque, em 1990, contribui para aprofundar os conhecimentos no assunto visando a sua utilização em Operações Anfíbias a serem realizadas pela Marinha do Brasil. Os aspectos históricos da formação do Estado iraquiano explicam como Saddam Hussein chegou ao poder e conseguiu manipular as massas em seu favor. A 1ª Guerra do Golfo foi um conflito de grandes proporções, envolvendo uma coalizão de países, formada especificamente para combater o Iraque. Além do poderio militar, armas de persuasão não letais, mas extremamente eficientes, representadas pela Comunicação Social e pelas Operações Psicológicas, foram utilizadas antes, durante e depois de cessarem as hostilidades entre os contendores. Os resultados gerados por essas atividades foram muito importantes para a conquista de corações e mentes dos diversos públicos envolvidos no conflito. Dessa forma, a monografia descreve os principais aspectos históricos que antecederam e geraram a 1ª Guerra do Golfo. Posteriormente, são apresentados assuntos de interesse para análise. A seguir, aborda as fases do conflito. Em seguida, lista as lições aprendidas nesses campos de conhecimento. Finalmente, conclui a respeito das lições obtidas sobre o emprego do binômio Comunicação Social – Operações Psicológicas de forma a constituírem argumentos a serem aplicados nas Operações Anfíbias conduzidas pela Marinha do Brasil.

Palavras-chave: Operações Psicológicas; Comunicação Social; Operações Anfíbias; lições aprendidas.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Processo de Comunicação.....	42
Anexo B - Panfleto incentivando militares iraquianos à rendição.....	43
Anexo C - Panfleto incitando as tropas iraquianas a abandonar as posições e retornar para casa.....	44
Anexo D - Panfleto alemão da 2ª Guerra Mundial.....	45
Anexo E - Panfleto imputando a culpa dos bombardeios aliados a Saddam Hussein.....	46
Anexo F - Panfleto de despistamento sobre o desembarque de <i>marines</i> nas praias do Kuwait.....	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	05
2	ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA 1ª GUERRA DO GOLFO.....	07
3	ÁREAS DE INTERESSE PARA ANÁLISE.....	10
3.1	A Comunicação Social.....	10
3.2	As Operações Psicológicas.....	12
3.3	As Operações Anfíbias.....	15
4	ANÁLISE DA 1ª GUERRA DO GOLFO.....	18
4.1	Ações no período anterior à retomada do Kuwait pelas Forças da Coalizão.....	18
4.1.1	Ações de Saddam.....	19
4.1.2	Ações das Forças da Coalizão na Operação <i>Desert Shield</i>	21
4.2	Ações durante a guerra na Operação <i>Desert Storm</i>	22
4.2.1	Ações de Saddam.....	22
4.2.2	Ações das Forças da Coalizão.....	26
4.3	O período pós-guerra.....	30
4.3.1	Ações de Saddam.....	31
4.3.2	Ações das Forças da Coalizão.....	32
5	AS LIÇÕES APRENDIDAS NA 1ª GUERRA DO GOLFO PARA UTILIZAÇÃO NAS OPERAÇÕES ANFÍBIAS DA MB.....	34
6	CONCLUSÃO.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXOS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A 1ª Guerra do Golfo (1991), causada pela invasão do Kuwait pelo Iraque (1990) foi parte de um longo período no qual a principal preocupação das potências com interesses na região era conter os atores locais, fruto da dependência mundial do petróleo. Essa guerra pode ser considerada como o primeiro conflito armado envolvendo vários Estados, após o fim da Guerra Fria (1947-1991) (MAGNOLI, 2006).

Talvez o maior erro de Saddam Hussein (1937-2006) ao invadir o Kuwait tenha sido subestimar a capacidade das Forças Armadas norte-americanas de atuar em qualquer área do globo terrestre. Mas ele não era o único a ter essa percepção. Muitos estadunidenses também achavam que a 1ª Guerra do Golfo era uma empreitada fadada ao fracasso. Havia na imprensa um sentimento antimilitar, fruto do mau relacionamento de anos, entre a mídia e os quartéis (HOULAHAN, 1999, p.131). Para reverter esse quadro, o próprio presidente dos Estados Unidos da América (EUA) George Herberth Walker Bush (1924-), participou intensamente da campanha para angariar o apoio do público interno do país, com vários pronunciamentos em rede nacional antes da guerra, para tranquilizar a população durante os combates e ao final do conflito para reforçar o seu apoio e satisfação com a condução das ações, atuando tanto sobre o seu público interno quanto sobre o moral de suas tropas. Os militares se sentiram prestigiados com o envolvimento do próprio mandatário do Estado na guerra (BLACKWELL, 1991, p.164).

Ao final do conflito, o General Herbert Norman Schwarzkopf¹ (1934-) declarou que a inesperada rapidez com que as ações em terra foram desencadeadas e bem sucedidas podem ser diretamente atribuídas à maneira como as Operações Psicológicas contra

¹ O General Schwarzkopf foi o Comandante Militar das Forças da Coalizão na 1ª Guerra do Golfo (nota do autor).

o moral inimigo complementaram a condução do combate contra as forças adversas no Kuwait (WHITENACK, 1993).

O fato do General Schwarzkopf, um líder militar vitorioso em combate real recente, atribuir importância ao tema, faz com que seja, no mínimo, interessante conhecer quais foram as ações realizadas pelo binômio Comunicação Social – Operações Psicológicas, que tanto contribuíram para o sucesso das operações de combate e podem ser úteis na implementação de práticas em proveito de Operações Anfíbias. Durante o ano de 2009, o autor, como Encarregado da Seção de Operações Psicológicas da Força de Fuzileiros da Esquadra, por diversas vezes vislumbrou a possibilidade de emprego dessa ferramenta em prol das operações realizadas.

Esta monografia, fundamentada em pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, baseada em obras, artigos publicados sobre o tema, periódicos e trabalhos acadêmicos tem o propósito de analisar os aspectos do emprego do binômio Comunicação Social-Operações Psicológicas durante a 1ª Guerra do Golfo. Desta forma, este autor espera contribuir para aprofundar os conhecimentos sobre o desenvolvimento dessas atividades pela Marinha do Brasil, em proveito das Operações Anfíbias.

Inicialmente, serão descritos os antecedentes históricos do conflito. Em seguida, serão apresentados assuntos de interesse relativos à Comunicação Social, Operações Psicológicas e Operações Anfíbias. Posteriormente, serão estudadas a 1ª Guerra do Golfo e suas fases, sob o foco da Comunicação Social e das Operações Psicológicas. Após isso, será feita uma seleção das principais lições aprendidas no conflito para utilização pela Marinha do Brasil na condução de Operações Anfíbias. Por fim, será feita uma breve conclusão a respeito das condições do emprego do binômio Comunicação Social-Operações Psicológicas pela Marinha do Brasil, nas Operações Anfíbias.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA 1ª GUERRA DO GOLFO

A palavra Iraque, em árabe, quer dizer “a margem de um rio e seu terreno fértil”. Desde o século VII a palavra é empregada para nomear a região situada entre os rios Tigre e Eufrates, onde, na antiguidade, estava situada a Mesopotâmia. A região foi alvo de cobiça de invasores desde então. Dentre eles, destacam-se os persas no século VIII, mongóis no século XII e otomanos, do século XVI ao início do XX (KEEGAN, 2005).

Na antiguidade, a região era valorizada devido à abundância de água e terras férteis e, nos dias atuais, pela riqueza em reservas de petróleo².

Muita coisa mudaria em todo o mundo árabe a partir do contato com as potências imperialistas européias no século XIX:

Os europeus trouxeram consigo a educação e as leis seculares, ambas totalmente estranhas à concepção muçulmana, que, durante séculos, via nas escolas um instrumento de difusão do Corão e nas cortes de justiça um fórum de julgamento com base na *sharia*³, ou lei corânica (KEEGAN, 2005, p.49).

Com a entrada do Império Otomano na 1ª Guerra Mundial(1914-1918), em novembro de 1914, a Grã-Bretanha (GB) enviou uma força expedicionária para ocupar Basra. Com o fim da 1ª Guerra Mundial, o Iraque ficou sob domínio britânico, até a independência iraquiana em 1932 (DENAUD, 2003).

Em 1944, é fundado na Síria, por um cristão, chamado Michael Aflaq (1910-1989) o Partido Baath. O partido proclamava a união de todos os povos de língua árabe e seu direito de viver em um Estado unificado. As raízes da doutrina do Baath⁴ eram metafísicas, o que talvez explique o seu apelo à mente árabe (KEEGAN, 2005, p.51). Um de seus principais

² O Iraque é, atualmente, detentor da quarta maior reserva mundial de petróleo. Fonte: CIA. Disponível em: < <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2178rank.html> >. Acesso em 31 jul. 2010.

³ Sharia, ou o “caminho para a fonte” é o conjunto de normas que dita como os muçulmanos devem se relacionar entre si, com seus parceiros comerciais, com não-muçulmanos e com o Estado (KEEGAN, 2005, p.117).

⁴ Baath, ou Baas em algumas publicações, significa em árabe: “a ressurreição” (KEEGAN, 2005).

ideais era o pan-arabismo⁵, posicionamento que viria a permear o imaginário dos povos árabes por várias gerações (DENAUD, 2003).

O cenário político do Iraque começa a mudar com a ascensão do Partido Baath ao poder, em 1968. De acordo com Tarek Aziz, Ministro das Relações Exteriores do Iraque, à época da 1ª Guerra do Golfo, a chegada do Baath ao poder marcava a entrada das massas nas organizações políticas e estatais. O Baath foi a via por onde cresceu a figura e a fama de impiedoso de Saddam Hussein entre o povo iraquiano, por meio de violência, intimidação e assassinatos (DENAUD, 2003).

Entretanto, a fragmentação desse antigo ideal do partido Baath materializou-se com a guerra entre Irã e Iraque (1980-1989). Apesar da rivalidade histórica entre árabes e persas, países como a Síria consideravam que o Iraque estava errado ao direcionar suas forças contra o Irã, já que o verdadeiro inimigo dos árabes era Israel⁶ (DENAUD, 2005).

Saddam confiava muito em seus laços de sangue. Grande parte de posições chave em seu governo eram ocupadas por parentes seus ou habitantes da sua região de origem, Tirkít. A insegurança de Saddam fez com que o exército fosse devidamente enfraquecido. Historicamente, o exército havia tido ativa participação na vida política do Estado em movimentos para a deposição de governantes. Em paralelo ao enfraquecimento do exército, ele priorizou a formação de uma milícia armada, ligada ao Partido Baath (FRIEDMAN, 1991).

A atitude de Saddam Hussein em relação aos comandantes do exército iraquiano, cobraria o seu preço sobre o moral e o adestramento da tropa quando da luta contra as Forças da Coalizão⁷ pela retomada do Kuwait.

Após o fim do conflito com o Irã, o Iraque possuía uma imensa dívida de guerra.

⁵ Pan-arabismo é o desejo de formação de um Estado, que integre todos os países de cultura árabe (ALI, 2001).

⁶ Saddam possuía um livreto, escrito por seu tio, de quem sofreu muita influência na formação de seu pensamento político e ideológico, com o título: “Três coisas que Deus nunca deveria ter criado: persas, judeus e moscas” (HOULAHAN, 1999).

⁷ As Forças da Coalizão eram compostas por tropas, meios navais e aéreos de 27 países (WATSON, 1993).

A dívida com o Kuwait atingia a casa de U\$ 65 bilhões de dólares. O argumento iraquiano ao solicitar o perdão da dívida era de que o Iraque havia lutado por toda a “nação árabe” e não deveria ser cobrado por isso. Como as negociações não evoluíram, o Iraque começou a sua preparação para invadir o país vizinho, o que viria a desencadear, algum tempo depois, a 1ª Guerra do Golfo (WATSON, 1993, p.16).

O modo de pensar islâmico é profundamente resistente às idéias de liberdade individual e diversidade política, valores que ocupam posição central na forma de pensar do liberalismo ocidental. A tradição política árabe está embasada pelos principais elementos da crença religiosa muçulmana: o poder exclusivo do Corão como guia do comportamento das pessoas e a *sharia* como um conjunto de leis religiosas que regia as comunidades (KEEGAN, 2005).

É importante observar que Saddam Hussein já executava, de forma empírica, a manipulação da população, por meio de uma política de repressão e incentivos, reforçando a sua imagem de líder e defensor da unidade árabe, criada a partir do partido Baath. A população iraquiana viveu diversos períodos de dominação ao longo dos séculos, seja por forças de invasores externos, seja pela própria natureza da cultura muçulmana. Características inerentes ao povo árabe como um todo, como a simpatia pelo pan-arabismo, seriam exploradas tanto pelas Forças da Coalizão como por Saddam na luta pelos corações e mentes dos seus vizinhos. Dessa forma, o estudo das características culturais e aspectos inerentes à população iraquiana seria fundamental para permitir que os militares da Coalizão tivessem condições de compreender o que se passava dentro da mente dos soldados iraquianos, possibilitando a descoberta de seus pontos fortes e fracos para exploração futura.

3 ÁREAS DE INTERESSE PARA ANÁLISE

Neste capítulo serão abordados assuntos envolvendo conhecimentos que irão fundamentar a análise posterior da 1ª Guerra do Golfo.

3.1 A Comunicação Social

A comunicação age sobre o comportamento das pessoas de diversas formas, cumprindo uma de suas quatro funções básicas: controle, motivação, expressão emocional e informação, por meio do processo de comunicação (ROBBINS, 2005).

O processo de comunicação, mostrado no ANEXO A, está presente em diversos aspectos da vida cotidiana, sendo a base da Comunicação Social (ComSoc).

A Comunicação Social⁸, como forma de comunicação institucional e interface das instituições com a opinião pública, vem adquirindo uma importância cada vez maior nas operações militares. A necessidade crescente de informações, por parte da mídia, criou uma interdependência entre os canais de ComSoc das instituições e canais de notícias, que serão repassadas ao público de acordo com a versão obtida. Nesse caso é melhor que tenhamos a informação mais correta no menor tempo possível para que a primeira “verdade” a ser veiculada pela mídia e órgãos de imprensa seja a versão de interesse da nossa instituição.

O exército norte-americano trata a ComSoc como *Public Affairs*⁹:

A missão do setor de Informações Públicas é cumprir a **obrigação** do Exército norte-americano de manter o povo e os militares informados [...]. As Informações Públicas são uma função essencial no campo de batalha hoje em dia, face ao atual ambiente de informações globalizadas que tornam qualquer aspecto de uma operação militar objeto de análise e investigação (ESTADOS UNIDOS, 2000, p.2, grifo nosso, tradução nossa)¹⁰.

⁸ É o conjunto de atividades desenvolvidas com o objetivo de influenciar a opinião pública, buscando garantir a correta percepção da instituição pela sociedade (BRASIL, 2006). Cabe ressaltar que a ComSoc possui **compromisso com a verdade**, já que lida com a imagem e credibilidade de instituições (BRASIL, 1999, grifo nosso).

⁹ *Public Affairs* significa assuntos de interesse público (tradução nossa).

¹⁰ Texto original em língua inglesa.

Podemos considerar a Guerra do Vietnã (1964-1975) como um divisor de águas na relação entre o público e a guerra. Pela primeira vez na história as pessoas tinham imagens da guerra dentro das suas próprias casas, por meio da televisão, fato que afetou diretamente a formação da opinião pública¹¹ norte-americana em relação ao conflito. Essa cobertura não passava por nenhuma censura prévia por parte do governo. Nesse contexto, a Ofensiva do TET¹² (1968) teve um papel fundamental na tomada de posição da opinião pública norte-americana contra a guerra (SOUTHERN..., 2002).¹³

De certa forma, para os militares, os repórteres eram vistos como inimigos durante a Guerra do Vietnã e, sob esse prisma, tidos como traidores da nação. Já para a imprensa, os militares restringiam o fluxo de informações com o claro propósito de influenciar a opinião pública em seu favor. (WATSON, 1993, p.202). Segundo Demétrio Magnoli: “a derrota foi construída nas cidades dos Estados Unidos e não nas selvas e montanhas da Indochina” (MAGNOLI, 2006, p. 417).

A comunicação é um dos elementos estratégicos mais importantes a serem levados em conta durante o esforço de guerra, tanto no que diz respeito à propaganda oficial quanto no que tange à conquista e manutenção do apoio da opinião pública, tarefas nas quais a mídia e órgãos de imprensa desempenham papel fundamental (ALDÈ, 2003).

Depois da Guerra do Vietnã, os norte-americanos passaram a dar maior importância ao peso da opinião pública em suas decisões militares. Além disso, apesar de ser um país democrático, seria impossível influenciar o público e criar uma percepção favorável na população se não houvesse, durante uma operação militar, uma prévia seleção de notícias a

¹¹ Opinião pública é o conjunto das opiniões individuais sobre um mesmo fato, composto em um determinado momento, que pode ser medido cientificamente por meio de pesquisa (BRASIL, 1999, p.13).

¹² A Ofensiva do TET, que quer dizer ano novo lunar, foi um evento composto por uma série de ataques coordenados pelos vietnamitas do norte contra mais de uma centena de cidades do Vietnã do Sul, passando a imagem de revoltas populares fora de controle. As imagens dos combates nas ruas de Saigão e outras grandes cidades foram transmitidas para os EUA e destruíram a propaganda do governo estadunidense de que a guerra estava sendo vencida (MAGNOLI, 2006).

¹³ Texto original em língua inglesa, disponível em: <<http://faculty.smu.edu/dsimon/Change-Viet2.html>>. Acesso em 25 jul. 2010.

serem divulgadas. A percepção do público seria extremamente importante na obtenção do apoio para as ações em combate e na manutenção do respaldo ao poder político nos conflitos. Em caso de guerra, então, a batalha pelos corações e mentes começaria dentro do próprio território do Estado.

3.2 As Operações Psicológicas

O caráter psicológico de um combate vem sendo observado já há bastante tempo. Sun-Tzu afirmou que: “o mérito supremo consiste em quebrar a vontade do inimigo sem lutar” (CLAVELL, 1983, p.8). Em tempos mais recentes, essa importância foi novamente reforçada por Andre Beaufre (1902-1975), quando afirma que “a decisão pela batalha é um acontecimento de ordem psicológica que se quer produzir no adversário: convencê-lo de que se engajar ou prosseguir na luta é inútil” (BEAUFRE, 1998, p.28).

Assim como a ComSoc, as Operações Psicológicas (OpPsc) também fazem uso do processo de comunicação (Anexo A), mas não possuem o objetivo de informar e sim obter ou modificar determinados comportamentos do receptor.

Atualmente, o valor das OpPsc como importante arma não letal e multiplicador de poder de combate vem aumentando, face à evolução dos métodos científicos sobre a motivação humana e desenvolvimento dos meios de comunicação que fazem uso de avançadas tecnologias, tornando desprezíveis as distâncias, as condições do terreno e o tempo de transmissão de mensagens. Dessa forma, as fronteiras físicas estão, paulatinamente, sendo substituídas por limites psicológicos, fazendo com que a opinião pública assuma papel essencial na tomada de decisões, seja no nível político, estratégico ou até mesmo no nível tático (BRASIL, 1999).

As OpPsc são definidas como operações planejadas para transmitir informações ou indicadores selecionados a governos estrangeiros, organizações, grupos ou indivíduos com o

intuito de influenciar suas emoções, motivações, razão e comportamento, para induzir ou reforçar comportamentos ou atitudes favoráveis a quem as desencadeou (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1997).

Um outro conceito, empregado pelo Ministério da Defesa (MD), é o de que OpPsc são **operações sistematizadas** realizadas para a obtenção de **comportamentos desejáveis** de públicos amigos, neutros ou hostis, para atingir objetivos políticos ou militares, **antes, durante e depois** das operações militares das quais fazem parte. Isso é o que caracteriza as OpPsc: o planejamento e a forma sistematizada de execução. O principal compromisso das OpPsc é com a missão a ser executada (BRASIL, 2007, grifo nosso).

Dessa forma, as OpPsc têm seu início bem antes do começo das operações militares que irão apoiar, prosseguem com sua execução durante a campanha e continuam desenvolvendo suas ações mesmo após o encerramento da campanha militar propriamente dita, diferenciando-se dos outros tipos de atividade militar.

Uma das principais ferramentas das OpPsc é a propaganda¹⁴ (BRASIL, 1999). A utilização da propaganda branca é um dos principais aspectos em comum entre ComSoc e OpPsc. Apesar dos pontos em comum entre ComSoc e OpPsc, as duas atividades representam campos distintos da atividade militar, o que não quer dizer que não haverá integração entre elas.

As OpPsc podem utilizar vários meios de difusão ou disseminação, com o intuito de fazer com que a mensagem desejada alcance determinado Público-Alvo (PubA). Os veículos de difusão de mensagens são classificados, de maneira genérica, em: áudio, visuais, audiovisuais, contato pessoal e eventos de mobilização de massa. Além desses veículos, outro

¹⁴ Propaganda é a difusão de qualquer informação, idéia, doutrina ou apelo especial, visando gerar emoções, provocar atitudes, influenciar opiniões ou dirigir o comportamento de indivíduos ou grupos, a fim de beneficiar, direta ou indiretamente, quem a promoveu. É classificada como branca (o autor da propaganda é identificado); cinza (o autor da propaganda não é identificado); e negra (o verdadeiro autor da peça de propaganda atribui a origem da mesma a alguma outra fonte) (BRASIL, 1999, p.14).

importante vetor para as OpPsc são as ações psicológicas que podem ser executadas em proveito do cumprimento da missão, afetando o comportamento do PubA, como por exemplo uma ação de sabotagem (BRASIL, 1999).

Uma das etapas principais do planejamento de OpPsc consiste da identificação do PubA e sua segmentação¹⁵. A partir dessa divisão, os diferentes segmentos serão minuciosamente estudados no que diz respeito aos aspectos ligados ao seu comportamento e suas atitudes (BRASIL, 1999). Podemos citar como exemplo de segmentação de PubA em uma campanha: nossas tropas, opinião pública interna, opinião pública internacional e tropas inimigas.

A cultura pode ser considerada como o principal determinante do comportamento e dos desejos de uma pessoa. Pessoas de diferentes culturas terão diferentes necessidades (KOTLER; KELLER, 2006). A diferença entre culturas é um dos fatores que faz com que os operadores psicológicos estejam permanentemente estudando os potenciais PubA de áreas onde as Forças Armadas de um país possam vir a ser empregadas, para que se conheçam as diferentes características culturais, de indivíduos, grupos, instituições e motivações.

Diversas teorias tentam explicar os aspectos da motivação humana, mas a Teoria de Abraham Maslow¹⁶(1908-1970) é a mais empregada no campo das OpPsc¹⁷. As pessoas tentam satisfazer as suas necessidades mais urgentes, passando para as menos importantes assim que têm aquelas atendidas (KOTLER; KELLER, 2006).

O caráter do povo e da sociedade de um potencial inimigo, assim como as particularidades de seu sistema político são, no mínimo, tão importantes quanto os dados e

¹⁵ Segmentação de PubA é a divisão desse público baseado em características em comum, em especial as necessidades e desejos, de forma genérica (KOTLER; KELLER, 2006).

¹⁶ Maslow criou uma teoria que ficou conhecida como a Pirâmide das Necessidades. Ele tentou explicar porque indivíduos são motivados por necessidades específicas em determinados momentos e concluiu que as necessidades humanas são dispostas em uma hierarquia, da mais urgente para a menos urgente, na seguinte ordem: fisiológicas, segurança, sociais, estima e auto-realização (KOTLER; KELLER, 2006).

¹⁷ Durante o Curso de Operações Psicológicas realizado pelo autor em 2008, no Exército Brasileiro, foram estudadas diversas escolas de OpPsc (Colômbia, Equador, Espanha e EUA) e enfatizada a ampla utilização da Pirâmide das Necessidades pelas correntes de pensamento apresentadas (nota do autor).

estatísticas relativas ao desempenho de armamentos e equipamentos inimigos. Nas 1ª (1914-1919) e 2ª (1939-1945) Guerras Mundiais, os EUA ignoraram esses aspectos e foram bem sucedidos, já que não enfrentaram sociedades com culturas tão diferentes da sua própria, como ocorreu em relação à cultura vietnamita (FRIEDMAN, 1991).

O operador psicológico deverá descobrir e explorar o campo de necessidades dos diversos PubA, utilizando os fatores de motivação para obter comportamentos desejáveis em uma operação. Daí advém a importância do conhecimento de aspectos históricos, culturais, religiosos e sociais de um Estado, para permitir que os fatores motivacionais ligados àquele público sejam empregados de forma eficiente, em proveito das operações militares. Nossas próprias tropas comporão um PubA, que normalmente será trabalhado para manutenção do moral elevado para enfrentar situações adversas. O aspecto moral é extremamente importante para o desempenho durante o combate, principalmente o conhecimento do porquê da guerra.

As OpPsc devem, portanto, manter estreita coordenação com outros setores da atividade militar, como a ComSoc e a Inteligência, para alimentar e ser realimentada de informações úteis em proveito do desenvolvimento das ações como um todo, dentro dos Teatro de Operações (TO)¹⁸ existentes.

As OpPsc não ganharam a 1ª Guerra do Golfo, mas contribuíram para o sucesso dos aliados e pouparam milhares de vidas humanas, dos dois lados, estimulando a cooperação dentro das Forças da Coalizão, reduzindo o poder de combate do inimigo e dissimulando as reais intenções das forças aliadas (JONES, 1994)¹⁹.

3.3 As Operações Anfíbias

As Operações Anfíbias (OpAnf) são Operações de Guerra Naval, lançadas a partir

¹⁸ Teatro de Operações é a parte do espaço geográfico que pode ser utilizado para operações militares de grande vulto (BRASIL, 2007).

¹⁹ Estatísticas ao final da guerra estimam que as OpPsc persuadiram 44% do exército iraquiano a desertar, 17.000 militares a abandonar as posições ocupadas e 87.000 militares a se render (JONES, 1994).

do mar, sobre um litoral potencialmente hostil. O seu início, a partir de um poder de combate zero indo até um poder de combate máximo, pode ser descrito como a sua característica mais marcante. Emprega diversos meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais, além de poder envolver meios de outras forças singulares. Isso requer grande coordenação, sincronização e controle, o que faz com que seja considerada como a mais complexa dentre as operações militares (BRASIL, 2008).

Qualquer marinha com capacidade de projetar poder sobre terra possui uma importante ferramenta para aplicação do seu poder naval, conferindo ao poder político um flexível vetor armado para ser empregado em caso de crises. A mera perspectiva de emprego dessa força potencial tem um forte poder de dissuasão sobre possíveis inimigos, constituindo-se em um elemento de pressão psicológica sobre potenciais adversários. Para tal, é extremamente importante a manutenção de uma força de emprego rápido, capacitada, adestrada e, acima de tudo, com moral elevado, espírito de corpo e em condições de cumprir uma ampla gama de missões em qualquer parte do globo terrestre. O exercício da liderança²⁰ é extremamente importante para a manutenção do moral e espírito de coesão da tropa.

Os diferentes tipos²¹ de OpAnf possuem características comuns, em especial no que diz respeito ao planejamento e às suas fases de execução²² (BRASIL,2008).

A doutrina de OpAnf, desenvolvida a partir da 2ª Guerra Mundial levava em conta o desembarque em praias defendidas e um número de baixas bastante elevado era tido como aceitável (BRASIL, 2008). Atualmente, a decisão política de ir à guerra necessita de respaldo da opinião pública, interna e internacional, assim como as normas do Direito Internacional também condenam qualquer ataque a alvos civis e danos colaterais decorrentes de ataques a

²⁰ Segundo o General Schwarzkopf, liderança é conseguir que pessoas façam coisas que normalmente elas não fariam, mesmo que para isso corram o risco de perder a vida (HOULAHAN, 1999, p.132).

²¹ Tipos de OpAnf: Assalto Anfíbio, Incursão Anfíbia, Demonstração Anfíbia e Retirada Anfíbia (BRASIL, 2008, p.10).

²² Fases de uma OpAnf: planejamento, embarque, travessia, ensaio e assalto (BRASIL, 2008, p.12).

alvos militares²³. Dificilmente uma OpAnf, nos dias atuais, deixaria de englobar uma Operação Militar em Área Urbana (OMAU), ensejando outras preocupações aos comandantes participantes, entre elas o estabelecimento de estruturas ligadas ao trato com a mídia e o emprego das OpPsc. O próprio *United States Marine Corps*²⁴ (USMC) está realizando uma revisão doutrinária tentando adaptar-se à nova conjuntura, de ameaças voláteis e inimigo difuso:

A maioria da população mundial vive dentro de uma faixa limitada a 160km dos oceanos. A instabilidade social crescente [...] é fator potencial para fomentar novas crises [...]. Os meios de comunicação de massa reportarão todo esse drama humano, tornando as populações carentes mais informadas e menos tolerantes às condições adversas em que vivem. Assim, ideologias extremistas se tornam cada vez mais atraentes para pessoas necessitadas e desesperadas em busca de qualquer oportunidade de salvamento (CONWAY, 2007, p.5).

O USMC estima que estamos caminhando para um mundo, no ano de 2025, onde 60% da população mundial viverá em áreas urbanas, com metade desse percentual habitando regiões litorâneas. Simultaneamente, haverá uma simbiose entre as várias formas de conflito²⁵, que serão reunidas sob o termo “novas ameaças”, impondo a necessidade de possuímos capacidade para fazer frente a múltiplos e simultâneos tipos de emprego, em um mesmo ambiente operacional (GAVIÃO, 2010, p.159).

Desta forma, a 1ª Guerra do Golfo merece ser analisada no tocante ao emprego de técnicas de OpPsc e ComSoc potencializando os efeitos gerados pelo poder de combate das Forças da Coalizão sobre os soldados iraquianos, a opinião pública interna norte-americana, a opinião pública internacional e sobre as suas próprias forças, que irão fornecer ensinamentos para emprego em OpAnf realizadas pela MB.

²³ Os Protocolos Adicionais às Convenções de Genebra, em seu Título IV, estabelecem normas para proteção à população civil, tendo como principal finalidade resguardar a mesma dos ataques militares durante os conflitos armados (PROTOCOLOS..., 1978).

²⁴ Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (tradução nossa).

²⁵ Conflitos envolvendo diversas formas de combate, como guerra convencional, guerra irregular, terrorismo e criminalidade podem ser reunidas no conceito de “novas ameaças” (GAVIÃO, 2010).

4 ANÁLISE DA 1ª GUERRA DO GOLFO

No dia 02 de agosto de 1990, no início da madrugada, os radares do Exército do Kuwait detectaram uma grande formação de veículos movendo-se ao sul da fronteira entre o país e o Iraque. Ainda houve resistência armada ao longo do dia, mas ao cair da noite a cidade estava sob controle iraquiano (HOULAHAN, 1999).

No mesmo dia, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) aprovou a Resolução Nº 660, que condenava a invasão e exigia que o Iraque se retirasse do Kuwait. Essa foi a primeira de uma série de 12 resoluções²⁶, que culminou com a Resolução Nº 678, em 29 de novembro de 1990, aprovando o emprego de **todos os meios necessários** para expulsar o Iraque do Kuwait, caso a retirada voluntária não ocorresse até o dia 15 de janeiro de 1991 (KEEGAN, 2001, grifo nosso).

Essa guerra foi especial. A expressão “efeito CNN”²⁷ modificou para sempre os conflitos militares e suas implicações ante à opinião pública. Imagens em tempo real foram transmitidas durante 24 horas por dia, em rede mundial, fazendo com que as pessoas acompanhassem a guerra com um interesse nunca visto (BLACKWELL, 1991). Podemos considerar que, a partir desse ponto, começou a ser exigida satisfação dos governantes sobre todos os aspectos da guerra, criando, assim, um outro elemento a ser levado em conta oficialmente nos planejamentos: a opinião pública.

4.1 Ações no período anterior à retomada do Kuwait pelas Forças da Coalizão

Durante todo o período da Guerra do Golfo, pôde-se observar uma constante luta pela

²⁶ As resoluções emitidas pelo Conselho de Segurança da ONU foram as seguintes: Nº 660, Nº 661, Nº 662, Nº 664, Nº665, Nº666, Nº667, Nº 669, Nº 670, Nº 674, Nº677, Nº 678 (29/11/1990) (WATSON, 1993, p.223).

²⁷ CNN é a sigla da *Cable News Network*. Efeito CNN foi o nome dado à cobertura ao vivo da Guerra do Golfo (BLACKWELL, 1991).

opinião pública internacional. Por ocasião do início dos bombardeios a Bagdá, a CNN captara exatamente o que acontecia na zona atacada. A cobertura era tão acurada que até a Agência de Informações de Defesa ordenara que seus analistas sintonizassem seus monitores na CNN para acompanhar ao vivo os relatos vindos direto de Bagdá (BLACKWELL, 1991, p.XXXII). Com o passar dos dias, a CNN tornou-se o principal indicador para a avaliação dos danos causados em Bagdá pelos bombardeios (BLACKWELL, 1991, p.142).

Iniciava-se uma nova era na história das guerras a partir de então.

4.1.1 Ações de Saddam

Entre a invasão do Kuwait e o limite estabelecido pela Resolução Nº 678 do CSNU, Saddam quadruplicou o efetivo de tropas no Kuwait e na fronteira sul do Iraque. Entretanto, ele pouco ou nada entendia a respeito dos modos e costumes ocidentais, cultura e tecnologia. Exceto por uma curta viagem à França em 1972, Saddam nunca havia visitado nenhum país do Ocidente. Ele adotou como verdade um estereótipo que existia entre os árabes de que a parte ocidental da civilização era decadente, autopiedosa e, acima de tudo, fraca. Ele estava altamente confiante que iria infligir pesadas baixas às Forças da Coalizão, fazendo com que elas retrocedessem e desistissem de combater (HOULAHAN, 1999, p.18).

Aparentemente, Saddam não possuía um setor organizado em condições de explorar o binômio ComSoc-OpPsc, já que suas tentativas de exploração dos fatores motivacionais do inimigo fracassaram na maioria das vezes, não conferindo nenhuma vantagem, então, à sua estratégia.

Apesar disso, o governo iraquiano tentou, durante toda a fase de preparação para a guerra e mesmo depois dos combates iniciados, desestabilizar a unidade de objetivo existente entre os EUA e seus aliados, focando seus esforços nos países árabes e muçulmanos que participavam da Coalizão. Seu argumento principal era que os países árabes que estavam

contra o Iraque estavam avaliando o massacre de fiéis muçulmanos, cumprindo um projeto orquestrado pelos países do ocidente e por Israel (FRIEDMAN, 1991, p.51).

Em uma de suas frustradas tentativas de empregar o componente psicológico como elemento de pressão na guerra, o Iraque produziu um vídeo com imagens de pilotos norte-americanos capturados em consequência de aeronaves abatidas. No vídeo, os militares, com claras marcas de agressões sofridas, foram obrigados a falar mensagens pró-Saddam Hussein. As imagens foram divulgadas pelas redes de TV de todo o mundo e causaram grande revolta nos países do Ocidente. O efeito sobre as Forças da Coalizão, ao contrário de intimidar, foi o aumento da intensidade dos bombardeios e o aperfeiçoamento do planejamento das operações de resgate de pilotos (S.A.R)²⁸ para elevar o moral dos mesmos e passar-lhes a percepção de que o máximo esforço para o seu resgate seria feito, em caso de derrubada de sua aeronave (HOULAHAN, 1999).

Saddam demonstrou grande preocupação com a possibilidade de ocorrerem deserções nas suas forças. Prisioneiros de Guerra (PG) iraquianos, após terem sido interrogados por tropas da Coalizão, afirmaram ter recebido informações de que os acessos à retaguarda de suas posições estariam bloqueados por campos de minas. Patrulhas compostas por elementos da Guarda Republicana andavam pelas proximidades do dispositivo defensivo iraquiano com o propósito de fuzilar possíveis desertores e evitar rendições por parte da tropa em combate. O dispositivo de algumas Unidades da Guarda Republicana²⁹ estava estabelecido para impedir o retraimento de tropas ocupando posições na linha de frente (FRIEDMAN, 1991). O então presidente iraquiano já havia demonstrado o seu desprezo pelo número de baixas e bem-estar de suas tropas quando do conflito com o Irã. Ao tentar estabelecer mecanismos de punição ao invés de mecanismos de motivação, Saddam não só contribuiu decisivamente para o

²⁸ Abreviatura para *search and rescue*, que significa busca e resgate (nota do autor).

²⁹ Algumas de suas brigadas possuíam nomes altamente simbólicos para os iraquianos, como Hamurabi, Medina e Nabucodonossor (SCHUBERT, 1998, p.207).

baixíssimo moral de suas tropas como também os transformou em alvos perfeitos para os diversos produtos de OpPsc da Coalizão, que exploraram as necessidades fisiológicas de alimentação, fome, sede e, principalmente, as necessidades de segurança. Os PG iraquianos receberiam melhor tratamento do inimigo do que de seu próprio Estado.

Quando fala dos desertores iraquianos, Blackwell menciona: “a maioria mostrou-se contente de estar nas mãos dos aliados e a salvo da fúria dos seus oficiais” (BLACKWELL, 1991, p. 181).

4.1.2 Ações das Forças da Coalizão na Operação *Desert Shield*³⁰

Em agosto de 1990 os EUA e a Arábia Saudita fizeram um acordo para a defesa da mesma, devido à situação de crescente instabilidade criada por Saddam Hussein. Essa operação recebeu o nome *Desert Shield*. Inicia-se, então, um grande deslocamento de tropas americanas para a região do Oriente Médio (SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 100).

Quando chegavam ao TO, os soldados tinham de acostumar-se ao meio ambiente e à cultura árabe. O maior desafio para as tropas era enfrentar a tensão crescente, o desconforto, o tédio e compreender a cultura saudita. A maioria dos aspectos dessa cultura era totalmente estranha aos norte-americanos: bebidas alcoólicas eram proibidas, os fiéis tinham de rezar voltados para Meca cinco vezes ao dia, as mulheres não podiam mostrar seus rostos em público e a polícia religiosa estava sempre patrulhando as ruas. Nesse ambiente, manter o moral das tropas elevado tornou-se prioridade para os comandantes (SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 159).

O fator moral foi fundamental durante todo o período que envolveu as atividades militares da 1ª Guerra do Golfo, de forma a manter os militares permanentemente em condições de emprego (SCHUBERT; KRAUS, 1998, p. 159). O aspecto psicológico de

³⁰ *Desert Shield* significa Escudo do Deserto (nota do autor).

atendimento das necessidades descritas por Maslow foi o principal mérito dos líderes das Forças da Coalizão nessa fase das ações, o que acabou criando uma barreira de proteção sobre os militares contra uma possível atuação de OpPsc inimigas.

Meses antes do ataque ao Kuwait, no período da Operação *Desert Shield*, especialistas em OpPsc, do *4th PSYOP Group*³¹ já estavam trabalhando na região, alguns a serviço dos Adidos Navais dos EUA no Iraque, Kuwait, Jordânia, Yemen e Paquistão, outros na Missão de Treinamento Militar para a Arábia Saudita e na Força Multinacional do Sinai. A experiência que esses especialistas adquiriram sobre a cultura, hábitos, linguagem e particularidades dos árabes e muçulmanos foi inestimável para o planejamento de Campanhas de OpPsc e elaboração de produtos de OpPsc durante a 1ª Guerra do Golfo. O planejamento das OpPsc iniciou-se em agosto de 1990, ou seja, 5 meses antes da data assinalada como prazo final para a retirada das tropas iraquianas do Kuwait, de acordo com a resolução Nº 678 do CSNU (JONES, 1994).

4.2 Ações durante a guerra na Operação *Desert Storm*

Durante esta fase as atividades de OpPsc, combinadas às de ComSoc tiveram destacada atuação, particularmente na indução de soldados iraquianos à deserção, divulgação de notícias por meio da mídia e manutenção do apoio da opinião pública norte-americana e internacional.

4.2.1 Ações de Saddam

Baseado no exemplo da Ofensiva do TET, Saddam tinha a intenção de aproveitar uma suposta fragilidade dos EUA, em relação à sua opinião pública interna, infligindo o

³¹ *4th PSYOP Group* foi a unidade que planejou e executou as OpPsc na 1ª Guerra do Golfo (JONES, 1994).

maior número de baixas possível aos norte-americanos e seus aliados nos combates terrestres. Ainda que o Iraque perdesse a batalha militar, venceria a batalha política e moral. Baseado nessa linha de ação, ele resolveu ordenar o ataque a uma pequena cidade na fronteira entre a Arábia Saudita e o Kuwait chamada Khafji. Sua estratégia não foi bem sucedida devido ao fracasso de suas forças nas ações, principalmente em face do baixo grau de adestramento. Ao contrário, seu fracasso estimulou as tropas da Coalizão, desfazendo uma imagem que os aliados atribuíam às forças de Saddam, como adversárias difíceis de serem batidas em combate (FRIEDMAN, 1991, p.199).

Nessa fase da guerra, o moral dos soldados iraquianos deteriorava-se rapidamente. Os militares nas trincheiras não recebiam notícias de seus familiares desde a sua ida para o Kuwait, os suprimentos essenciais como água e comida estavam acabando e os bombardeios da Coalizão não davam trégua dia e noite, fazendo com que os soldados sem descanso chegassem à exaustão. A única coisa que eles tinham em abundância eram os panfletos lançados em suas posições, incitando-os à rendição (ANEXOS B e C). Além disso, os militares sintonizavam estações de rádio, controladas pela Coalizão, que divulgavam hora e local de bombardeios, influenciando de forma decisiva na quebra da vontade de combater dos iraquianos. Alguns comandantes iraquianos chegaram a proibir o uso de rádios portáteis para ouvir música ou notícias (HOULAHAN, 1999, p. 51). Um militar iraquiano mencionou em uma entrevista ao final da guerra: “quando a ofensiva terrestre da Coalizão no Kuwait começou, os oficiais entraram em seus carros, fugiram e nos deixaram para trás” (HOULAHAN, 1999, p. 80).

A deficiência nos procedimentos de liderança foi observada em diversas situações ao longo da guerra. A liderança e a preocupação com a segurança das tropas foi fundamental para a manutenção do moral das tropas aliadas elevado, o que não ocorreu com as forças iraquianas. Os comandantes iraquianos em momento algum do combate se preocuparam com

o moral de suas tropas³², o que demonstrou, ao final do conflito, ter sido um erro capital.

A principal arma de influência psicológica de Saddam sobre a Coalizão foram os mísseis *Scud*³³. Como armamento, eles não tiveram o valor que o simbolismo da sua queda nas cidades da Arábia Saudita tivera. Cada míssil *Scud* que caía em território árabe aumentava a sensação de insegurança e debilidade de proteção da Arábia Saudita por parte das forças da Coalizão, além de lançar na mente do povo a idéia de que talvez a decisão de lutar contra o Iraque estivesse errada. Sob um outro ponto de vista, a queda de *Scuds* em Israel aumentaria exponencialmente a possibilidade de retaliação por parte do Estado judaico, o que acrescentaria uma série de variáveis indesejáveis aos esforços da Coalizão. O emprego dos mísseis *Scud* obrigou os Estados Unidos da América a acharem soluções para diminuir ao máximo a possibilidade de queda de mísseis e os danos políticos decorrentes. As soluções encontradas foram a busca e destruição dos lançadores de mísseis espalhados pelo território iraquiano e o emprego dos mísseis *Patriot*³⁴. A insegurança gerada pelos *Scud* ganhou ampla cobertura na mídia, algumas vezes até com entradas ao vivo por ocasião dos ataques (FRIEDMAN, 1991, p.192).

No imaginário do público do Ocidente, que acompanhou a guerra pela televisão, a oposição *Scud-Patriot* foi um dos eventos mais simbólicos e significativos de toda a guerra. A Coalizão conseguiu amplificar uma idéia, já latente no imaginário ocidental sob a forma de diferenças religiosas, da batalha entre o bem e o mal, materializada pelo confronto entre os dois mísseis.

Saddam tentou empregar recursos do binômio ComSoc-OpPsc, mas de forma

³² Mesmo a temida Guarda Republicana de Saddam deu mostras de que a sua capacidade militar havia sido super-estimada (HOULAHAN, 1999, p.63).

³³ Os mísseis *Scud* são mísseis adquiridos à ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Foram modificados pelos iraquianos e passaram a ter alcances, dependendo do modelo, entre 180 e 800 km. Eram utilizados a partir de lançadores móveis. Sua precisão era bastante baixa. (FRIEDMAN, 1991, p.340).

³⁴ Os mísseis *Patriot* foram concebidos originalmente como sistema de defesa antiaéreo padrão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), para atingir aeronaves de alta performance, mas foram adaptados pelos EUA para interceptar os mísseis *Scud* lançados pelo Iraque (FRIEDMAN, 1991, p.341).

amadora. Em um primeiro momento, ele tentou imputar à Coalizão a culpa por diversas mortes ocasionadas por um bombardeio aéreo. Após a divulgação das fotos, analistas verificaram que as mesmas eram de vítimas de um terremoto, que havia ocorrido no período anterior ao início das hostilidades (FRIEDMAN, 1991, p.405). Ainda sobre esse incidente, ele deu uma declaração ameaçando os inimigos ocidentais com “surpresas devastadoras”, por meio da Rádio de Bagdá, o que remeteu o imaginário da opinião pública mundial à utilização de armas químicas (HOULAHAN, 1999, p.86). Em um programa de rádio produzido em Bagdá e narrado por uma radialista chamada de “Bagdá Betty”, que tinha como alvo os norte-americanos, ela dizia: “sua esposa está traindo³⁵ você com Bart Simpson”³⁶. O resultado foi exatamente o oposto ao planejado. Ao invés de atingir o moral das tropas, o caso foi motivo de piadas e virou assunto comum entre os militares nos momentos de recreação (HOULAHAN, 1999, p 51.).

O fim de qualquer esperança iraquiana de receber apoio por parte dos países muçulmanos ocorreu quando Saddam divulgou imagens de uma mesquita que teria sido bombardeada por aeronaves dos EUA. Os norte-americanos obtiveram imagens por satélite comprovando que a própria engenharia de combate iraquiana havia destruído a mesquita para colocar a culpa nos norte-americanos (HOULAHAN, 1999, p.109).

Desta feita, Saddam cometeu um erro crasso: tentou realizar uma ação psicológica ao destruir a mesquita e jogar a culpa nos EUA (fazendo uso de propaganda negra), utilizando os seus meios de comunicação social (que têm compromisso com a credibilidade e correção das informações divulgadas) para a disseminação de uma mentira. A batalha pelos corações e mentes do mundo estava sendo perdida.

³⁵ Um segundo exemplo foi uma tentativa de retomar a idéia utilizada pelos alemães na 2ª Guerra Mundial, quando um panfleto sugeria que a esposa do militar o estaria “traindo” com outros militares na base em que residia nos EUA enquanto ele estava combatendo (ANEXO D).

³⁶ Bart Simpson é personagem da série de desenho animado norte-americano “Os Simpsons”. Bart Simpson é o filho rebelde e irresponsável da família, capaz de arrumar as maiores confusões para, especialmente, faltar aulas (nota do autor).

4.2.2 Ações das Forças da Coalizão

Dentre os objetivos estratégicos da Coalizão, um possuía forte cunho psicológico, podendo ser considerado como um objetivo de OpPsc em nível estratégico: desestabilizar o regime de Saddam Hussein com uma combinação de ameaças diretas à segurança dos líderes do governo e sobre a capacidade produtiva do país, para gerar uma percepção de impotência (FRIEDMAN, 1991, p.182).

Intensas campanhas de OpPsc foram executadas, com lançamento de panfletos, utilização de alto-falantes com mensagens em árabe, transmissões de rádio a partir do Egito, com os programas “A Voz da América” e outro dirigido aos soldados iraquianos, chamado “A Voz do Golfo”. Durante toda a guerra foram transmitidas 3250 notícias, 13 entrevistas com PG iraquianos, 40 comunicados de imprensa e 189 mensagens produzidas pelas OpPsc. Panfletos foram disseminados de diversas formas, principalmente por lançamento aéreo e por granadas de obuseiros de calibre 155mm que explodiam antes de alcançar o chão e espalhavam os panfletos (JONES, 1994).

Alguns alvos tinham grande importância simbólica junto ao imaginário da população: a estátua de 15 metros de altura de Saddam; um “arco da vitória”, formado pelo cruzamento de duas imensas espadas de concreto; e o grande parque de diversões particular de Saddam. Várias missões de ataque aéreo foram realizadas contra esses alvos sem o sucesso desejado (FRIEDMAN, 1991, p.183).

Caso os alvos citados tivessem sido destruídos, os efeitos gerados, multiplicados por uma eficiente divulgação pelo núcleo de ComSoc da Coalizão, teriam sido devastadores junto à população local e às tropas iraquianas. A derrubada da estátua de Saddam ocorreu anos mais tarde, na 2ª Guerra do Iraque (2003-2010), e foi um evento pleno de simbolismos,

com repercussão mundial³⁷.

As missões de bombardeio eram realizadas com grande cuidado, no intuito de não causar baixas desnecessárias à população civil iraquiana, o que poderia ser utilizado contra a Coalizão por meio de exploração de mídia, em especial dos órgãos de imprensa dos Estados muçulmanos. Havia uma grande preocupação em distinguir, claramente, junto à opinião pública internacional e aos iraquianos, que os inimigos da Coalizão eram o regime de Saddam e seus líderes, conforme panfleto mostrado no ANEXO E, não a população do Iraque (FRIEDMAN, 1991, p.131).

Houve indícios de que a própria aviação iraquiana teria bombardeado diversos alvos civis para imputar aos estadunidenses as mortes decorrentes do ataque, numa clara utilização de **propaganda negra** para desprestigiar a imagem da Coalizão junto ao Mundo Islâmico.

No caso dos bombardeios sobre as tropas iraquianas, a expectativa era de que Saddam, face à elevada quantidade de baixas e destruição de instalações pudesse tentar iniciar negociações para evitar o aumento de mortes e parar a destruição do país. Entretanto, mais uma vez, as tropas iraquianas puderam ter a percepção do grau de importância que suas vidas tinham para o seu Comandante Supremo. O governante iraquiano considerava muito pior a rendição ou retirada do Kuwait do que a morte de seus militares (FRIEDMAN, 1991, p.142).

Prisioneiros de Guerra (PG) iraquianos, entrevistados após a sua captura, informaram aos operadores psicológicos norte-americanos que tipo de mensagens deveriam ser disseminadas por alto-falantes e panfletos para induzir os seus companheiros à rendição (JONES, 1994). O número de panfletos lançados sobre as tropas iraquianas é estimado em cerca de 29 milhões, tendo como temas principais a rendição, a inevitabilidade da derrota do Iraque, incitação ao abandono da posição e equipamentos e a culpa de Saddam Hussein pela

³⁷ A estátua de Saddam foi derrubada em 09 de abril de 2003 (Fonte: BBCBrasil.com. Disponível em www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030409_estatuaaw.shtml).

guerra (PSYWARRIOR..., 2003).

No tocante às Forças Navais, a sua presença na região foi extremamente importante a título dissuasório. Havia a expectativa de que o Iraque pudesse empregar armas químicas durante os combates. O governo norte-americano já havia declarado à imprensa que, caso armas de destruição em massa fossem utilizadas, a retaliação por armas nucleares seria empregada. O cruzador San Jacinto foi designado como plataforma para lançamento de armas especiais, o que foi interpretado pela imprensa como um navio equipado primariamente com mísseis Tomahawk³⁸, mas com armamentos nucleares embarcados também (FRIEDMAN, 1991, p.205).

A dissuasão³⁹ faz parte, também, do emprego do componente psicológico, limitando ou modificando o comportamento do inimigo. A simples possibilidade de um ataque nuclear pôde criar uma percepção de insegurança e inferioridade no oponente. Esse aspecto foi bem explorado pela Coalizão.

Saddam parecia ter uma espécie de obsessão por um desembarque anfíbio dos aliados e essa sua crença foi bem explorada pela Coalizão. Por ocasião do planejamento, a linha de ação de um Assalto Anfíbio na costa do Kuwait foi levantada e levada ao General Schwarzkopf. O inconveniente dessa Linha de Ação (LA) era o desembarque em praias fortemente defendidas, o que tenderia a gerar pesadas baixas. Apesar de ter decidido por uma ofensiva terrestre, Schwarzkopf decidiu levar a termo a OpAnf, como se um Assalto Anfíbio fosse ocorrer, inclusive empregando recursos das OpPsc, com lançamento de panfletos em cerca de 12000 garrafas plásticas, que chegaram às praias do Kuwait (ANEXO F). A confirmação da percepção de Saddam fez com que ele deslocasse tropas para a defesa da

³⁸ Tomahawk é um míssil para ataque a posições em terra, lançado a partir de navios ou submarinos, guiado por uma combinação de sistema inercial de posição e comparação de posição com cartas topográficas. São extremamente precisos e têm alta capacidade de destruição de alvos (FRIEDMAN, 1991).

³⁹ Dissuasão é uma atitude estratégica que, utilizando meio de qualquer natureza tem por finalidade modificar ou fazer com que o adversário desista de seus propósitos bélicos (BRASIL, 2007).

costa kuwaitiana, deixando o flanco sul de seu dispositivo desguarnecido. Na realidade, as Forças Navais realizaram uma Demonstração Anfíbia (inclusive com elementos de Operações Especiais reconhecendo as praias para o desembarque), com intensos bombardeios navais sobre a linha de costa onde as defesas inimigas estavam posicionadas (FRIEDMAN, 1991, p. 213). O comentário de Friedman confirma uma idéia de Basil Liddel Hart (1895-1970), para quem a expectativa da realização, ou não, de uma OpAnf teria um forte apelo psicológico, obrigando o inimigo a carrear meios para defender o local estimado para um possível desembarque anfíbio. A concentração de meios poderia desbalancear o poder de combate em uma região, criando um ponto vulnerável no dispositivo inimigo, expondo algum dos flancos para ataque (HART, 1960).

A possibilidade de ocorrência de uma OpAnf foi fundamental para o despistamento que possibilitou o ataque terrestre para retomada do Kuwait. As Forças da Coalizão jogaram com dois elementos-chave nesse contexto: a crença de Saddam na ocorrência de um Assalto Anfíbio e a forte imagem combativa que os *marines*⁴⁰ norte-americanos possuíam junto ao povo do Iraque. A imagem de profissionalismo, agressividade e capacidade operativa dos fuzileiros navais estadunidenses, construída ao longo de muitos anos com auxílio da sua comunicação institucional, puderam reforçar a obtenção de um comportamento desejável dos inimigos da Coalizão.

Os *marines* norte-americanos, provavelmente, causaram mais preocupação aos soldados iraquianos do que qualquer outro elemento durante os combates. Os soldados iraquianos referiam-se a eles como “anjos da morte” e acreditavam piamente que os *marines* iriam matar qualquer militar inimigo que encontrassem. Muitos iraquianos haviam ouvido um rumor de que para entrar para o USMC era necessário matar um membro bem próximo da própria família para ser aceito na corporação (HOULAHAN, 1999, p.207). Durante os

⁴⁰ Marines são os fuzileiros navais dos EUA (nota do autor).

combates, os *marines* utilizaram-se das OpPsc intensamente. Alto-falantes eram utilizados com sons de carros de combate em deslocamento simultaneamente a interferências da guerra eletrônica nas comunicações iraquianas. Caminhões puxando correntes simularam colunas blindadas e fogos de inquietação constantes não permitiam o descanso do inimigo em suas posições, entre diversos modos de utilização (BLACKWELL, 1991, p.195).

Em sua análise ao final da 1ª Guerra do Golfo, Norman Friedman comenta:

[...] os *marines* foram capazes de imobilizar grandes efetivos de tropas iraquianas na costa do Kuwait, não devido a uma profunda análise tática, mas muito mais devido à aura de poder que eles possuíam em torno de seu nome (FRIEDMAN, 1991, p.253, tradução nossa)⁴¹.

Possivelmente, boatos orientados foram disseminados por elementos de OpPsc entre a população iraquiana, com base nos seus próprios medos e sua cultura, de forma a criar uma imagem quase mítica dos *marines*, reforçadas pela imagem real já existente. Tropas com moral baixo já entravam em campo de batalha derrotadas quando sabiam da presença de tão temível adversário. A tática de inquietar o inimigo contribuiu para levá-lo à exaustão física e psicológica, facilitando o trabalho dos panfletos incitando os iraquianos à rendição. O segundo objetivo estratégico da Coalizão era então alcançado: infligir o medo no inimigo fazendo com que ele desistisse de lutar.

4.3 Ações após a guerra

A situação na região retornou ao status anterior à invasão do Kuwait. O Emir do Kuwait retornou ao governo e iniciou a reconstrução do país. Saddam Hussein, após a derrota, reaparece para a mídia em abril de 1991. Apesar do fim da guerra, os problemas e condições existentes no Oriente Médio poderiam criar pretextos para novos “capítulos” na guerra que já estava encerrada (SCHUBERT, 1998, p.325).

⁴¹ Texto original em língua inglesa.

4.3.1 Ações de Saddam

As operações que derrotaram as forças do Iraque contribuíram para refrear o movimento crescente em sua busca pela liderança regional, almejada há algum tempo, até como parte da continuação da idéia de pan-arabismo. Análises desse período ainda tentam compreender aspectos do caráter de Saddam e as suas verdadeiras motivações para empreender guerras desnecessárias contra o Irã na década de 1980 e, em seguida, contra o Kuwait. Sua permanência no poder ainda gerava preocupação aos países da Coalizão (SCHUBERT, 1998, p.324).

Saddam se recusava a admitir que o Iraque havia sofrido uma esmagadora derrota na guerra, insistindo que, na realidade, seu Estado havia vencido a guerra. Em um discurso, em julho de 1991, anunciou a vitória à população iraquiana (KEEGAN, 2005, p.108).

As declarações de vitória na guerra por parte de Saddam enfureceram os países do ocidente, já que a sua derrota era um fato irrefutável. Entretanto, dentro do Iraque, alguns fatores davam sustentação à sua atitude. O primeiro, facilmente compreensível sob o ponto de vista muçulmano e totalmente irracional para o ocidente é o poder da retórica na vida pública dos países do Oriente Médio. A língua árabe tem uma natureza poética, facilmente derivando para o exagero e para a fantasia, sem, contudo, dentro culturas que a utilizam como idioma, perder o contato com a realidade. Aquilo que parece certo é facilmente, com o uso da linguagem poética, tido como correto. Dessa forma, ao proclamar publicamente a vitória fazendo uso da retórica e com o simbolismo vocabular peculiar à língua árabe, Saddam expressou uma idéia em que o público queria acreditar e tudo o que ele dissera soou como verdade. O povo acreditou em suas palavras e ele próprio também. Outro fator é expresso em uma teoria defendida por Saddam, preconizando que uma derrota é tão ruim quanto o lado vitorioso decida que ela deva ser. Nesse caso, ao se manter no poder, ele pôde avaliar que continuava a ser visto pelo Ocidente como uma espécie de proteção contra o regime dos

aiatolás e o radicalismo religioso (KEEGAN, 2005, p.109).

Mesmo depois da guerra e com OpPsc bem sucedidas, ainda era muito difícil para o ocidente compreender a natureza do pensamento árabe. Aspectos peculiares à sua cultura continuavam sendo misteriosos, contrariando a lógica ocidental. A forma como Saddam conseguia manipular as informações e criar verdades não era racional, sob o ponto de vista estadunidense, principalmente porque essas verdades eram aceitas sem questionamento pela população iraquiana. Ele possuía um conhecimento empírico, que os norte-americanos não obtiveram de todo, ainda que tivessem realizado um grande esforço, que era o conhecimento profundo da forma de pensar do povo árabe.

4.3.2 Ações das Forças da Coalizão

A Guerra do Golfo terminou com os EUA alcançando os seus objetivos. Após a vitória na guerra, existiam três preocupações principais para os EUA. A primeira era auxiliar a reconstrução do Kuwait, o que foi iniciado rapidamente com o apoio de unidades de engenharia de combate, apoiada por elementos de OpPsc, que passaram a realizar ações como avaliação das campanhas desencadeadas e ações para potencializar a colaboração e simpatia da população kuwaitiana em relação à coalizão, para o caso de necessidades futuras (JONES,1994). A segunda era evitar que o Iraque voltasse a se armar, produzindo armas químicas ou desenvolvesse tecnologia nuclear para fins militares. A terceira era a manutenção de Saddam no poder, o que poderia, naquele momento ser considerado melhor do que a sua deposição e esfacelamento do Estado iraquiano e a conseqüente instabilidade na região (KEEGAN, 2005, p. 111).

Os EUA mostravam certa relutância em manter a sua presença na região, o que era reforçado pela postura da Arábia Saudita, que ao mesmo tempo em que desejava contar com a proteção norte-americana, não poderia manter a sua presença na “terra santa” dos

muçulmanos. Apesar disso, o governo norte-americano tinha plena consciência de que era necessário preparar condições para que as tropas retornassem à região, caso fosse necessário, no futuro (SCHUBERT, 1998, p.327).

Ainda como parte das últimas ações do período pós-guerra, foi realizada, no norte do Iraque, uma grande operação de assistência humanitária à minoria curda, conduzida pelos militares do exército dos EUA e com participação efetiva de equipes de ComSoc e OpPsc. A operação teve a duração de seis meses (JONES, 1994).

De acordo com o relatório final enviado pelo Departamento de Defesa dos EUA ao seu Congresso, com o título Conduta da Guerra do Golfo Pérsico, o esforço feito na área de OpPsc mostrou o foco na quebra da vontade de lutar dos iraquianos e em aumentar os medos e ansiedades dos soldados inimigos (WHITENACK, 1993).

5 AS LIÇÕES APRENDIDAS

No que diz respeito à utilização do binômio ComSoc-OpPsc, a 1ª Guerra do Golfo apresenta uma série de ensinamentos, que podem vir a ser utilizados pela Marinha do Brasil quando realizar OpAnf. As principais lições aprendidas são:

a) início das campanhas de OpPsc antes do começo das operações de combate e término após o final das operações em terra - é fundamental que os especialistas em OpPsc iniciem as suas atividades ainda antes dos combates, de forma a conseguir colher informações sobre a cultura, modo de vida, potencialidades e vulnerabilidades do inimigo, ficando em condições, também, de fornecer à ComSoc uma lista com temas a evitar em seus produtos e temas a abordar para potencializar os seus resultados. Após o término das operações, a presença de elementos de OpPsc integrados aos esforços de reorganização, reconstrução ou mesmo simplesmente de avaliação dos resultados das campanhas realizadas é necessária. Os resultados obtidos devem ser potencializados ao final das atividades, principalmente para criar condições em caso de necessidade de operações futuras;

b) a importância dos PG - entrevistas com os PG iraquianos forneceram os seguintes indicadores: 98% dos PG possuíam um dos panfletos disseminados no bolso ou tinha recebido algum em sua posição; 58% deles informaram que escutavam diariamente o programa “Voz do Golfo” e confiava nas informações transmitidas; 80% dos entrevistados seguiam as orientações transmitidas durante os programas. O programa ficava no ar durante 18 horas por dia (JONES, 1994). O trabalho com os PG foi de fundamental importância para avaliar como as campanhas de OpPsc e ComSoc estavam alcançando o PubA definido (forças inimigas) e para realizar ajustes nos produtos disseminados para potencializar os seus efeitos;

c) a importância da liderança - a liderança é fundamental para manter a coesão da tropa, assim como o seu moral elevado. Os oficiais iraquianos abandonaram os seus militares em combate, enquanto a Coalizão demonstrava preocupações quanto ao conforto, segurança e

adestramento de suas tropas. Esse aspecto desenvolvido tornará mais difícil a influência psicológica do inimigo sobre os nossos militares;

d) o binômio ComSoc-OpPsc contribuindo para o despistamento e desinformação sobre as operações que serão conduzidas - no caso de OpAnf, em especial, com o deslocamento de uma força naval para a Área do Objetivo Anfíbio (AOA), as informações colhidas pelo inimigo tenderão a facilitar a preparação de suas defesas e concentração de meios para defesa das Praias de Desembarque (PDbq), como ocorreu com o Iraque no Kuwait. A desinformação e a Demonstração Anfíbia realizada possibilitaram o ataque terrestre por um flanco exposto do dispositivo defensivo. As OpPsc e a ComSoc podem cumprir papel decisivo nessas atividades de desinformação, mesmo em nível estratégico;

e) granadas de 155 mm para lançar panfletos - um dos meios empregados e altamente eficazes para a disseminação de panfletos sobre as tropas inimigas, diminuindo a dependência de meios aéreos, foram as granadas de 155mm. O Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) possui, no Batalhão de Artilharia de Fuzileiros Navais, uma Bateria de Obuseiros 155mm orgânica;

f) uso de alto-falantes e transmissões de rádio - a utilização de recursos de áudio, principalmente, a transmissão de programas de rádio onde mensagens de nosso interesse possam ser disseminadas foi bastante eficaz. Os prisioneiros iraquianos confiavam na veracidade das notícias transmitidas no programa “Voz do Golfo”;

g) adestramento constante e especialistas dedicados às atividades de ComSoc-OpPsc - as atividades de ComSoc e OpPsc exigem grande conhecimento de elementos de psicologia comportamental, antropologia, sociologia, produção de imagens, produção de áudio e diversos outros conhecimentos especializados. É importante que os militares envolvidos nessas atividades estejam em constante adestramento, com dedicação plena a esses ramos de atividade para desenvolver ao máximo a capacidade de emprego desses recursos em

combate;

h) importância da capacidade anfíbia como elemento de dissuasão, concentração de tropas inimigas e pressão psicológica – a capacidade de projeção do Poder Naval sobre terra que um Estado possui representa, por si só, um forte elemento de dissuasão e pressão psicológica em caso de crises. O poder político tem em suas mãos um elemento para condução de OpPsc no nível político-estratégico. Outro ensinamento foi como a possibilidade de ocorrência de uma OpAnf serviu para forçar a concentração de meios e tropas inimigas em uma área onde supostamente ocorreria um Assalto Anfíbio. Esse artifício, no caso da 1ª Guerra do Golfo, facilitou o ataque pelas Forças da Coalizão, explorando um flanco exposto no dispositivo inimigo;

i) relacionamento com a imprensa cultivado desde o período de paz – os setores de ComSoc militares devem, desde o tempo de paz, cultivar um bom relacionamento com a imprensa. A imprensa necessita de informações. Quanto mais contato houver com a mídia, mais apto à divulgação de informações o nosso setor de ComSoc estará, sempre divulgando os fatos da forma mais realista possível, buscando não afetar a credibilidade da instituição. Além disso, nossos especialistas conhecerão as linhas editoriais, inclinações político-ideológicas e tendências de cada veículo, sabendo o que esperar de cada agência de notícias; e

j) a opinião pública conferindo respaldo ao poder político para a realização de operações militares – as experiências dos norte-americanos nesse aspecto, inicialmente negativa no Vietnã e posteriormente positiva na 1ª Guerra do Golfo, mostram-nos a importância da opinião pública ser favorável às decisões políticas tomadas que irão desencadear ações no campo militar. No caso do conflito analisado, o apoio às decisões do presidente foi fundamental para o sucesso das forças norte-americanas.

6 CONCLUSÃO

A experiência em combate real dos norte-americanos no Vietnã fez com que se passasse a levar em consideração o peso da opinião pública em decisões militares, oferecendo o respaldo necessário ao poder político. Em caso de um conflito, a batalha pelos corações e mentes começaria dentro do nosso próprio país, com a nossa própria opinião pública. A especialização para atender à demanda da opinião pública por informações faz-se necessária, forçando o desenvolvimento de atividades de suporte como ComSoc e OpPsc, uma com o objetivo principal de informar e a outra de obter comportamentos em proveito do cumprimento da missão estabelecida. A integração dessas duas atividades é de fundamental importância para que os diversos PubA de interesse sejam alcançados.

A MB, com sua capacidade de projetar poder sobre terra, possui uma importante ferramenta para aplicação do poder naval, conferindo ao poder político um flexível vetor armado para ser empregado em caso de crises. A mera perspectiva de emprego dessa força potencial tem um grande poder de dissuasão sobre possíveis inimigos, constituindo-se, por si só, em um elemento de pressão psicológica sobre os adversários.

Para auxiliar a projeção do poder naval sobre terra, o emprego do binômio ComSoc-OpPsc pode ser de grande valia, como multiplicador de poder de combate, elemento de desinformação e diminuidor da quantidade de baixas. O número de perdas nas operações atuais é fator de grande relevância para obtenção de apoio da opinião pública.

Provavelmente, uma OpAnf realizada nos dias atuais evoluiria para uma OMAU, exigindo severas precauções dos comandantes participantes e requerendo o estabelecimento de estruturas ligadas à ComSoc para o trato com a mídia, além do emprego das OpPsc.

A 1ª Guerra do Golfo e sua transmissão ao vivo modificou para sempre os conflitos militares e suas implicações ante à opinião pública. Imagens em tempo real transmitidas durante 24 horas por dia, em rede mundial, fizeram com que as pessoas

acompanhassem a guerra com grande interesse, passando a exigir mais satisfação por parte de governantes sobre todos os aspectos envolvidos nas ações de combate, reforçando assim a importância da opinião pública, inclusive no caso de realização de uma OpAnf.

A preocupação com o moral da tropa foi fundamental durante todo o período que envolveu as atividades militares da 1ª Guerra do Golfo, de forma a manter os militares permanentemente em condições de emprego, inclusive atendendo suas necessidades e diminuindo as suas frustrações, dificultando uma possível atuação de OpPsc inimigas sobre esse tipo de PubA. O exercício da liderança foi extremamente importante para a manutenção do moral e espírito de coesão da tropa, o que também é essencial para a realização de OpAnf.

As principais lições que podem ser aprendidas e empregadas na MB incluem a importância da capacidade anfíbia como elemento de dissuasão e pressão psicológica, a importância no trato com PG, o valor da liderança, o uso do binômio ComSoc-OpPsc contribuindo para o despistamento e desinformação sobre as operações que serão conduzidas, emprego de granadas de 155mm para lançar panfletos, uso de alto-falantes e transmissões de rádio, adestramento constante com especialistas dedicados às atividades de ComSoc-OpPsc, relacionamento com a imprensa, cultivado desde o período de paz, e a necessidade do apoio da opinião pública para realização de operações militares.

A Marinha do Brasil tem plenas condições para desenvolver atividades nos campos da ComSoc e das OpPsc, em proveito das OpAnf, o que contribui sobremaneira para a multiplicação do poder de combate e aceitação da decisão política por parte da opinião pública em caso de necessidade de emprego da capacidade anfíbia do país em uma situação real.

REFERÊNCIAS

- ALDÈ, Alessandra. **A Mídia e a Guerra do Iraque**. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, v.125, n.01/03, p.57-68, jan/mar 2005.
- ALEXANDER, John B. **Ganhando a Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007. 362 p.
- ALI, Tarik. **Confronto de Fundamentalismos**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 482 p.
- BEAUFRE, Andre. **Introdução à Estratégia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998. 156 p.
- BBC BRASILCOM. **Multidão ajuda a destruir estátua de Saddam Hussein**. 09 abr. 2003. Disponível em: < http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030409_estatuaaw.shtml >. Acesso em 21 jul. 2010.
- BLACKWELL, James. **Tempestade no Deserto: as estratégias e táticas da Guerra do Golfo Pérsico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1991. 258 p.
- BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **Manual de Operações Anfíbias dos Grupamentos de Fuzileiros Navais – CGCFN -2200 – 1 – 1** . Rio de Janeiro, 2008.
- _____. Estado Maior da Armada. **Manual de Comunicação Social da Marinha- EMA-860**. Brasília, 2006.
- _____. Estado Maior do Exército. **Manual de Campanha de Operações Psicológicas – C 45-4**. 3. ed. Brasília, 1999.
- _____. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas – MD35-G-01**. Brasília, 2007.
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook: oil proved reserves**. 01 jan. 2009. Disponível em : <<http://www.cia.gov/library/publications/the-worldfactbook/rankorder/2178rank.html> >. Acesso em 07 ago. 2010.
- CLAVELL, James (Adapt). **A Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Record, 1983. 115 p. Adaptação do original em chinês: SUN TZU.
- CONWAY, James T.; ROUGHEAD, Gary; ALLEN, Thad W. **A Cooperative Strategy for 21st Century Seapower**. Washington, DC: U.S. Government, 2005, p.5, *apud* GAVIÃO, Luís Octávio. **As Operações Anfíbias no Século XXI**. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, v.125, n.01/03, p.155-179, jan/mar 2010.
- DENAUD, Patrick. **Iraque, a guerra permanente: entrevistas com Tarek Aziz, a posição do Regime Iraquiano**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003. 256 p.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of the Army. **Public Affairs Tactics Techniques and Procedures - FM 3-61.1**. Washington, 2000.

_____. Department of the Navy. **Psychological Operations – OPNAVINST 3434.1.** Washington, 1997.

_____. **Final Report to Congress: Conduct of the Persian Gulf War, Title V, U.S. Government Printing Office, Wash.,D.C.,April 1992, apud WHITENACK, Peter A. An Analysis of Gulf War PsyOps and Their Applicability To Future Operations, 1993.** Disponível em: < <http://ics.leeds.ac.uk/papers/vp01.cfm> >. Acesso em: 03 jun. 2010.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas.** 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.

FRIEDMAN, Norman. **Desert Victory: The War for Kuwait.** Annapolis: Naval Institute Press, 1991. 435 p.

GAVIÃO, Luís Octávio. **As Operações Anfíbias no Século XXI.** Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, v.125, n.01/03, p.155-179, jan/mar 2010.

HOULAHAN, Thomas. **Gulf War: The Complete History.** New Hampshire: Schrenker Military Publishing, 1999. 471p.

HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 523 p.

JONES, Jeffrey B. **Psychological Operations in Desert Shield, Desert Storm and Urban Freedom.** Special Warfare, Fort Bragg, v.7, n.3, July 1994. Disponível em: < <http://www.globalsecurity.org/military/library/report/1995/NMK.htm> >. Acesso em: 16 abr. 2010.

KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005. 288 p.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de Marketing: a Bíblia do Marketing.** 12.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. 750 p.

HART, Basil Lidell. **The Value of Amphibious Flexibility and Forces.** Journal of the Royal United Service Institution, vol. CV, n. 620, nov 1960.

MAGNOLI, Demétrio (org). **História das Guerras.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 480 p.

PROTOCOLOS ADICIONAIS ÀS CONVENÇÕES DE GENEBRA DE 12 DE AGOSTO DE 1949. Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 1978.

PSYWARRIOR. **Gulf War Leaflets,** 2003. Disponível em: <<http://www.psywarrior.com/DSLeaflinks.html>>. Acesso 03 jun. 2010.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento Organizacional.** 11.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005. 536 p.

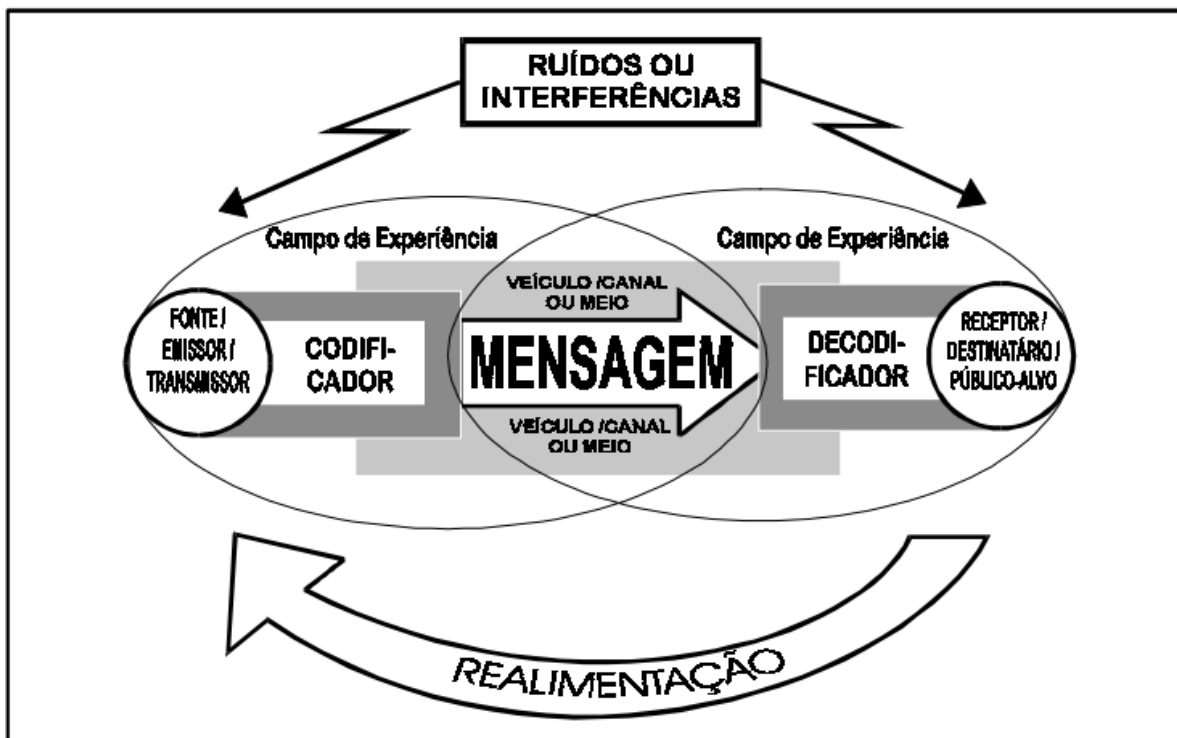
SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Theresa L. **Tempestade do Deserto: Operações da Guerra do Golfo.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998. 403 p.

SOUTHERN METHODIST UNIVERSITY. **The War in Vietnam**, 2002. Disponível em < <http://faculty.smu.edu/dsimon/Change-Viet2.html>>. Acesso em: 25 jul.2010.

WATSON, Bruce W. **Military Lessons of the Gulf War**. London: Library of Congress, 1993. 271 p.

WHITENACK, Peter A. **An Analysis of Gulf War PsyOps and Their Applicability To Future Operations**, 1993. Disponível em: < <http://ics.leeds.ac.uk/papers/vp01.cfm>>. Acesso em: 03 jun. 2010.

ANEXO A

Processo de Comunicação⁴²

⁴² (BRASIL, 1999).

ANEXO B

Panfleto incentivando tropas iraquianas à rendição⁴³

No Code, Adhere to the following procedures to cease resistance



⁴³ O panfleto traz inscrições em árabe estimulando as tropas iraquianas a desistir de lutar (PSYWAR..., 1991).

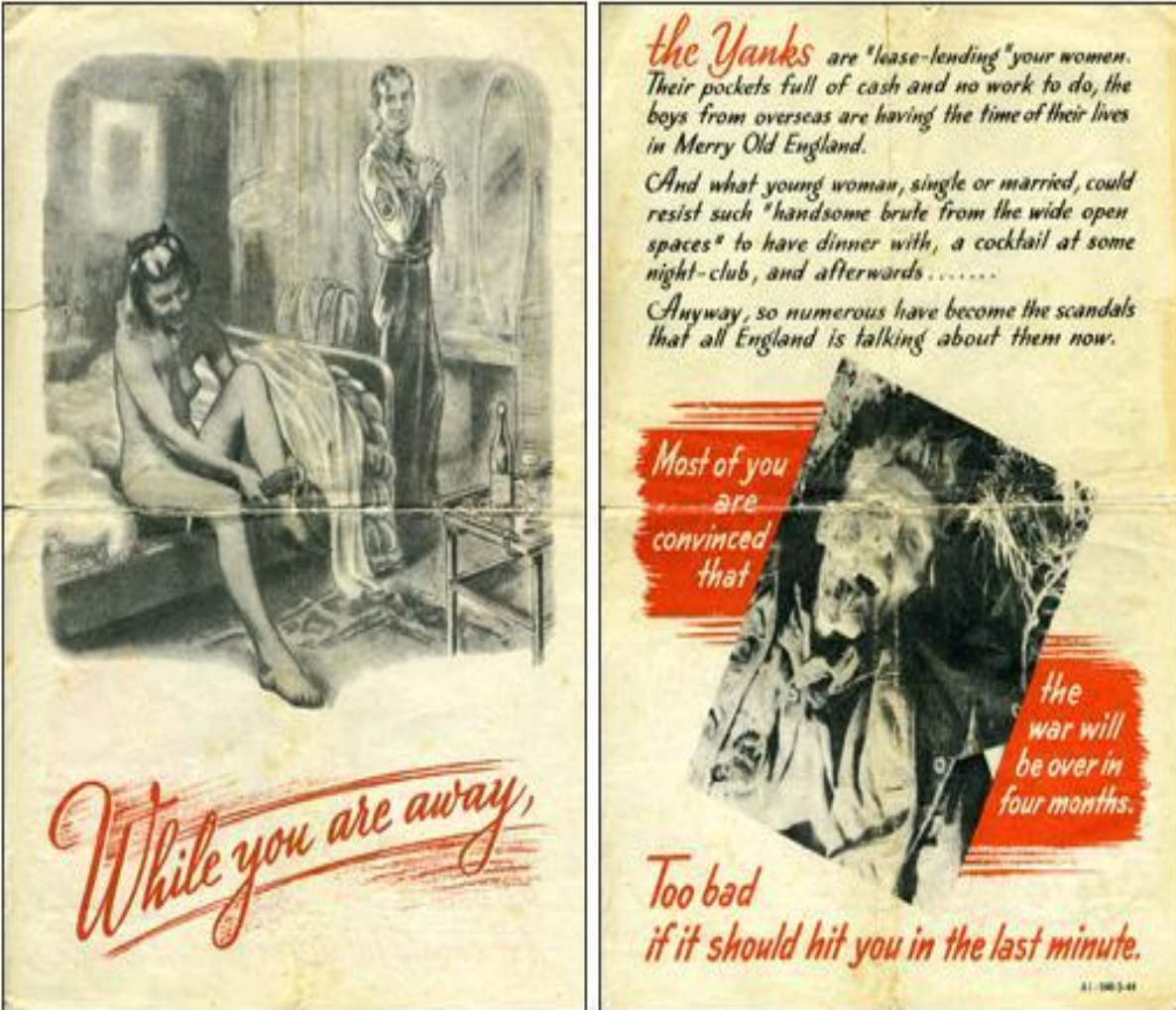
ANEXO C

Panfleto incitando as tropas iraquianas a abandonar as posições e retornar para casa⁴⁴



⁴⁴ O panfleto estimula os militares iraquianos a fugir dos combates de volta para casa (PSYWAR..., 1991).

ANEXO D

Panfleto alemão da 2ª Guerra Mundial ⁴⁵


the Yanks are "lease-lending" your women. Their pockets full of cash and no work to do, the boys from overseas are having the time of their lives in Merry Old England.

And what young woman, single or married, could resist such "handsome brute from the wide open spaces" to have dinner with, a cocktail at some night-club, and afterwards.....

Anyway, so numerous have become the scandals that all England is talking about them now.

Most of you are convinced that

the war will be over in four months.

Too bad if it should hit you in the last minute.

While you are away,

81-100 3-44

⁴⁵ Este panfleto é um exemplo de propaganda cinza executada pelos alemães na 2ª Guerra Mundial, em que o seu PubA são as tropas estadunidenses (PSYWAR..., 1991).

ANEXO E

Panfleto imputando a culpa dos bombardeios aliados a Saddam Hussein⁴⁶

No Code, Saddam is the sole reason for the bombing of Iraq




⁴⁶ O panfleto menciona que Saddam é a única razão para o bombardeio sobre o Iraque (PSYWAR..., 1991).

ANEXO F

Panfleto de despistamento sobre o desembarque de *marines* nas praias do Kuwait⁴⁷

No Code, CEASE RESISTANCE BE SAFE



البحث بالسلام من اللجأ، يجب على جنودنا تنفيذ الخطوات التالية:

١. اسحب مخزن الذخيرة من سلاحك.
٢. حمل سلاحك على كتفك الأيسر مع توجيهه بسرعة إلى الأسفل.
٣. ارفع يديك فوق رأسك.
٤. اقترب من حزام القوات المتعددة الجنسيات ببطء، وذي فرد في المقدمة يرفع هذه الوثيقة فوق رأسه.
٥. إذا عملت هذا تتجنب من الموت.

CEASE RESISTANCE - BE SAFE

To seek refuge safely, the bearer must strictly adhere to the following procedures:

1. Remove the magazine from your weapon.
2. Sling your weapon over your left shoulder, muzzle down.
3. Have both arms raised above your head.
4. Approach the Multi - National Forces' positions slowly, with the lead soldier holding this document above his head.
5. If you do this, you will not die.

⁴⁷ O panfleto traz inscrições em árabe e inglês, fornecendo instruções para a rendição, por ocasião do Assalto Anfíbio dos *marines*, que não passou de uma diversão tática (PSYWAR..., 1991).